

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno | Semest | Trim. | N.º | 18.º Anno — XVIII Volume — N.º 609 | Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1</i> |
|--------------------------------------|---------|---------|--------|-----------|------------------------------------|---|
| | 36 n.ºs | 18 n.ºs | 9 n.ºs | à entrega | | |
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3\$800 | 1\$900 | 5950 | 5120 | 25 DE NOVEMBRO DE 1895 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4\$000 | 2\$000 | — | — | | |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5\$000 | 2\$500 | — | — | | |



CHRONICA OCCIDENTAL

Um feriado fóra do almanach. Um dia de sol esplendido.

A victoria das armas portuguezas. Um *Te Deum* em acção de graças. A repartição fechada. Um domingo, que principia mais cedo.

E é que havia n'essa tarde não sei que bocados de domingo pelo ar! Não ha nada tão bello como um dia lindo de outomno. E é tão triste estar ali fechado, n'aquella repartição tão triste! O livro das entradas, o papel dos officios, as pastas do archivo, os sellos, os tinteiros, a calva do chefe, tomam aspectos antipathicos de carrascos, quando o sol do outomno brilha lá fóra, quando a gente se lembra dos outros que passam o dia inteiro ao ar livre entre flôres que desab:oxam, arvores que se despem, revoadas de pardaes no azul muito limpião.

Um feriado fóra do almanach é como uma gratificação que não se espera, um premio n'uma cautella pequena, fóra do orçamento. E' um dia para as extravagancias. O trabalho extraordinario que espere, esse dia não tem horas supplementares; as visitas que se hão de fazer — uma vergonha... ha tanto tempo! — outro dia será O dia é lindo! Vamo-nos a embegar de ar livre, de azul, de sol! Ha alegrias de domingo na atmospheria perfumada!

Pelas ruas grupos a cada passo, familias caminhando vagarosamente para a egreja, contingentes de tropas que vão assistir á festa, alguns que tambem lá estiveram e que molharam a sua sopa na derrota do Gungunhama. Esses caminham com mais orgulho, mais satisfeitos, sentindo sobre elles a animal-os o olhar das raparigas bonitas.

Todos alegres, todos contentes!
O sol lá em cima, o sol do outomno, morno, acariciador, e um bocado de sol cá dentro tambem.

Lá na egreja o *Te-Deum* pela victoria das armas portuguezas e por essas ruas, por essas praças, por esses jardins, a luz do céu da patria cahindo alegremente em jorros, o sol aquecendo o asphalto brandamente, chilreadas de pardaes nas acacias, chilreadas de crianças nos passeios, sorrisos desabroxando em labios.

Passeemos, que o dia é lindo.
A Avenida é cheia de gente. Conversam todos alegremente. Não são os conhecidos de todos os dias, por entre os quaes passam rapidamente os que veem do trabalho, distrahdos, cheios de fome, com as ventas gulosas viradas para casa, abertas n'um antegosto do jantar que espera. Andam gosando o feriado todos os que dos ministerios, dos escriptorios, das aulas, sahiram com movimentos rapidos de passaros tentando o vôo. E ali andam sorridentes, banhados de luz, gozando do sol, a embegarem-se na alegria d'um dia santo, que é santo o dia que a patria festeja.

Os que saem da egreja ainda trazem ao canto do olho a humidade d'uma lagrima. E a natureza tambem canta um *Te-Deum* e nas acacias os pardaes cantam melhor do que os padres no altar.

E cada grupo vae falando no que mais lhe interessa. Fala-se da guerra d'África, fala-se do Gungunhama, um preto valente, poderoso, que traz consigo ninguem sabe quantos mil homens em

armas. Incendiaram-lhe a aldeia. O preto fugiu com todo o seu exercito, as mulheres, as crianças.

Passa uma carruagem elegante. Os homens cumprimentam. De dentro uma senhora loira, d'uma distincção ideal, corresponde-lhes com um gentil meneio de cabeça, um sorriso. E logo se fala de Sarah Bernhardt, da sua despedida de Lisboa, do jantar que uma senhora, a quem o talento artistico deu uma corôa mais gloriosa que a herda da de seus paes, offereceu á rainha da scena. E

discute-se por momentos a Sarah, o Victorien Sardou, o Suddermann, o Dumas filho. E como se trata de *high life* vem á conversação o casamento d'uma das mais gentis senhoras de Lisboa, filha d'um homem distincto pelo seu trabalho e amor á arte, com um dos mais sympathicos rapazes, agronomo muito intelligente, trabalhador, a que o futuro reserva a mais alta das posições.

Vão os passeios cheios de gente. Correm as carruagens em duas filas.

Uns caturras follam das ultimas eleições. Um



CONSELHEIRO JOÃO BAPTISTA FERRÃO DE CARVALHO MARTENS, EMBAIXADOR DE PORTUGAL JUNTO DA SANTA SÉ — FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

d'elles foi votar. Os outros olham-o maravilhados, como a exemplar unico, digno de museu.

Passam correndo os bandos das crianças Gargotos apregõam os jornaes da tarde. O sol vae descendo. E no borbórinho das conversações destaca-se, aqui, ali, uma ou outra noticia. Fala-se da viagem d'El-Rei, da sua chegada; discute-se a recepção que em Balmoral fez a seu sobrinho a velha rainha Victoria, fala-se da nossa rainha, da ovação que lhe fizeram as carvoeiras no Aterro.

Solemnes, graves, cheios de confiança no futuro, passam os pequenitos do collegio militar. E vão-se atraz d'elles olhos de todos, como se lhes pedissem que nos trouxessem uma vez tambem, um dia santo como aquelle.

Passam sargentos galopando, os americanos apitam, ouve-se o silvo d'um comboio a chegar á estação. E no sussurro das conversações as mesmas noticias vão de bocca em bocca, espalhando-se e repetindo-se. — O Caetano Alberto foi agraciado com o habito de São Thiago. — Bem merecida recompensa ao Alberto, que é um artista.

Os parades recolhem todos ás acacias, que o sol vae descendo. Que algazarra que fazem os demonicos!

Vamos subindo, subindo sempre. E' linda a hora do pôr do sol. Lá em cima, no alto da Avenida. Uma serenidade encantadora! Uma paz deliciosa cae sobre a cidade inteira.

A torresinha do Carmo destaca-se graciosa no ponto mais alto da linha que fecha o horizonte por aquelle lado. A agulha do obelisco muito branca ergue-se para o céu por entre as arvores despidas.

O Carmo, o obelisco, lembram glorias passadas. Vêem á mente velhos factos da historia portugueza.

Não havia n'aquella tarde uma só nuvem no céu. Do outro lado do rio a serra recortava no céu immaculado o perfil gracioso. O monte de Palmella erguia-se muito nitido, coroado pelo velho castello historico. Velas cruzavam-se no Tejo muito sereno e de longe, de muito longe, de toda aquella provincia do sul, vinham estrophes de epopea, cantando historias gloriosas.

Ranchos de homens e de mulheres do povo vão caminhando por aquellas terras de Entremuros, que em breve serão transformadas no Parque da Avenida. Um rapaz vae cantando, e, no cahir da tarde, fica bem aquella toada melancolica de musica portugueza. Era assim, pouco mais ou menos que cantavam os nossos soldados na India e era tal por esses tempos o gosto dos portuguezes pela musica, que na batalha de Alcacer ficaram em despejo aos alarves tantas guitarras como armas.

Tambem pouco mudou a poesia popular, que vae sempre beber ás mesmas fontes, os olhos bellos das portuguezas, que tantas voltas inspiravam a Camões, a saudade dos olhos bellos, quando de nós desviaram a vista. Amor e saudades, toda a nossa poesia está n'isto. Amor e saudades cantava esse rapaz e a guitarra d'elle gemia saudades e amor.

La diminuindo o movimento nas ruas Na luz pallida do crepusculo brilhava aqui, além, embaçada ainda, a luz d'um candeeiro. Chegava a noite, a noite serena, a noite que deixa pensar e que traz o socego aos corações.

Lá no alto ninguém. Ao longe, como uma fosforescencia, um bocadinho de neblina no Tejo. Acorçava em nós um amor estranho a tudo isto que tanta vez desprezamos, de que tão injustamente dizemos mal ás vezes: um amor, uma saudade de outros tempos, d'esses que as ruinas rememoram, que a mesma natureza, as mesmas estrellas d'inverno n'um céu de primavera, viam passar gloriosos, felizes, descuidados dos que haviam de vir.

Cantam as mesmas paixões em nossas almas, teem os peitos portuguezes o mesmo valor de outr'ora. O mesmo entusiasmo faz correr lagrimas pelas faces, anima-as com as mesmas cores.

Porque não voltaremos a ser o que já fomos, se não em grandeza, em força material, pelo menos em caracter, em heroismo? Mudou-se o povo? Mudou-se a raça?

Mau sestro de muitos, por uma imbecil idéa de superioridade, sorrir desdenhosamente do que é nosso! O sangue portuguez, de soldados, de officiaes, correu nos vastos desertos d'Africa, onde a honra, o dever os chamaram. A troça é ignobil n'este caso e fica-se realmente em duvida se quem a faz é um cynico sem vergonha, se um perfeito idiota.

Verdade seja que elle ha idiotas cynicos. A noite desceu. As estrellas brilharam intensamente. O céu de inverno parecia um céu de primavera. Que lindo céu com que Deus nos dotou!

Quando é que os infelizes que longe soffrem, que os pobres que lá dão a vida pela nossa honra, quando é que esses hão de voltar a vêr o céu da patria?

João da Camara.

CONSELHEIRO MARTENS FERRÃO

Trouxe-nos o telegrapho a triste noticia do desaparecimento pela morte, pela mais cruel das enfermidades, do representante de Portugal, junto ao Vaticano, João Baptista Ferrão de Carvalho Martens, antigo ministro de Estado no reinado de D. Luiz I, lente jubilado da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, ex-procurador geral da corôa, mestre que foi dos principes D. Carlos e D. Affonso, dos quaes um subiu ao throno, o actual monarcha, o sr. D. Carlos I, par do reino, e um dos nossos primeiros juriscultos e diplomatas.

Em vigiliatura na cidade de Florença, para onde fôra procurar um lenitivo aos seus padecimentos, esperava-se que a enfermidade fosse vencida pela sciencia.

Vã esperança! A alegria e serenidade que por vezes lhe illuminavam o semblante, segundo nos contaram, eram o prenuncio da despedida, a alegria funebre da morte, a avidez da existencia no crepusculo derradeiro, que sente que poucos momentos lhe restam de vida, e que é preciso illudir-se a si e illudir os outros.

Depois começou a obra da destruição, e para aquella existencia, notavel por tantos titulos, o periodo das sombras, o periodo do sepulchro!

Vaidade das coisas humanas! como dizia Bossuet, o principe dos oradores sagrados, evocado deante de Luiz XIV os manes dos cidadãos benemeritos.

Mas ahí, aonde a vida material terminou, começa um outro periodo, o periodo da resurreição pela historia, pela apreciação dos factos que a engrandeceram.

A morte poude apoderar-se da sua victima, mas não pôde impedir que um dia, que não é ainda o de hoje, sob o escalpelo do historiador, o cadaver se levante n'uma transformação luminosa para a posteridade e para a gloria.

A outros, n'este momento angustioso, a qualquer dos seus illustres correligionarios, amigos e collegas, e poderíamos citar aqui os nomes auctorisados do conde de Casal Ribeiro, Barjona de Freitas, visconde de Chancelleiros, José Luciano de Castro, Antonio de Serpa, Navarro de Paiva, José Dias Ferreira, e Jayme Moniz cabia a honrosa missão de fazer o elogio funebre d'esse notavel homem de Estado.

De bom grado, a qualquer d'elles, lhe cederíamos o logar que nos foi offerecido n'esta folha, n'este esboço biographico, não porque nos repugne associar o nosso obscuro nome n'este trabalho, mas porque nos falta o tempo e a competencia para emprender a urdidura da larga tea que merece tão vasto assumpto.

O que vamos dizer ao correr da penna para satisfazer o honroso pedido que nos foi feito pelo digno director d'esta folha, mais litteraria que politica, para não dizer exclusivamente litteraria, são apenas notas fugitivas, recordações passageiras dos tempos que já lá vão, e em que tambem, na nossa obscura medioeridade representámos um papel passageiro na politica portugueza, como jornalista, ao lado de Antonio Rodrigues de Sampaio, em 1858, na *Revolução de Setembro*, ao lado de Manoel da Silva Passos, no Porto, em 1859, no *Echo Popular*.

Filho de miguealista, havia entre mim e elle, no começo da nossa carreira universitaria pontos de contacto, que attrahiam então a minha curiosidade, quando o via passar laureado e coberto d'applausos e adhesões nas ruas de Coimbra e nas aulas da Universidade.

Se então como hoje, o meu espirito abraçava fervorosamente o culto das idéas liberaes, o d'elle, na opinião dos seus amigos e companheiros de trabalho, inclinava-se para o passado, para o antigo regimen que concentrava nas mãos do monarcha e sem o auxilio do parlamento, todos os poderes.

É certo que ninguém então poderia prever que as circumstancias o conduzissem, a elle, sincero, desinteressado, e austero, para o terreno movediço das luctas politicas, e quasi ao mesmo tempo para as alturas do poder.

Ninguém então poderia prophetisar que elle havia de entrar tão rapidamente na vida publica, porque se dizia que elle se destinava para a carreira da advocacia na capital do reino, preferendo-a mesmo á da Universidade, como Beirão, como Bruschiy, como Francisco Jeronymo, como Pinto Coelho, affectos á dynastia caida em 1834, e que tão bri-

lhante e honroso papel representaram no nosso fóro.

O que elle foi depois que deixou a batina d'academico de Coimbra, quaes foram os principaes traços da sua vertiginosa carreira até chegar ás culminancias do poder, carecia de um largo desenvolvimento que não comportam as dimensões d'este artigo.

Lente da Universidade, regeu as cadeiras de direito, com distincção, querido e admirado pelos seus collegas e discipulos.

Foi porém demasiado curta a sua passagem no ensino superior.

Outros destinos o esperavam.

Ministro de Estado, no reinado de D. Luiz I, encontrámo-nos com elle em 1858 e 1859, ministro da justiça ao lado de Fontes Pereira de Mello, o prestigioso chefe da segunda regeneração, e do conde de Casal Ribeiro, e cuja situação caia em 1859 em vista da attitude pronunciada do Porto contra as medidas de fazenda.

Conservador, mas fiel aos principios liberaes, e ás praxes constitucionaes, que o guiaram sempre na sua carreira ministerial, era modesto, mas tímido, como são sempre os modestos. Não parecia feito para a vida sempre agitada da politica militante.

Chefe de partido, não poderia sel-o, nem saberia sel-o, como Passos Manuel, como o duque de Loulé, como Braamcamp, como Joaquim Antonio de Aguiar, como Fontes, porque os chefes de partido carecem de se misturarem em fraternal convívio com os seus, e até com os adversarios, sobranceiros ás paixões e serenos nas luctas parlamentares, como foram Passos Manuel, o duque de Loulé, Braamcamp, Aguiar, Fontes, como foram os chefes dos Whigs e dos torys na Grã-Bretanha, e como são ainda hoje Gladstone e Salisbury, como são na vizinha Hespanha Sagasta e Canovas del Castillo; e para representar esse papel era elle profundamente incapaz. Foi por isso que em 1890, quando se lhe offereceu ensejo de substituir no chefado da terceira regeneração Antonio de Serpa, declinou essa missão, depois de malogradas tentativas, retirando-se á sua thebaida de Roma, para depois ir morrer em Florença.

Era uma alma virgem de todos os vicios e fragilidades da baixa politica, a politica das conveniencias e dos accrdos; reconcentrado em si mesmo, como por uma especie de consciencia do seu valor intellectual; mas a actividade intellectual era contudo para elle uma necessidade, uma reclamação incessante da sua natureza.

Quando se lhe offereceu ensejo depois de malograda a sua tentativa de reforma administrativa pela revolta de janeiro de 1868 saiu da politica, aceitando o elevado cargo de Mestre dos principes D. Carlos e D. Affonso filhos de D. Luiz e da Rainha a senhora D. Maria Pia, do que depois foi e ainda é Rei, e talvez se possa dizer d'elle o que se diz de Alexandre Herculano, a respeito de D. Pedro V, que elle foi o mentor d'este principe e o rei o seu Telemaco.

Como procurador da corôa, são notaveis os seus pareceres sobre assumptos importantes, e tão acatado e respeitado o seu nome n'este tribunal, que, quando chegou a noticia do seu passamento, o sentimento que essa noticia produziu se demonstrou por uma forma que faz honra ao actual procurador geral da corôa sr. conselheiro Diogo Antonio Corrêa de Sequeira Pinto.

Como parlamentar, o seu ultimo discurso na Camara dos pares na sessão de 15 d'outubro de 1890, surpreendeu toda a gente pela forma e pela eloquencia, dando-lhe um logar proeminente na galeria dos nossos primeiros oradores.

Não era um crente, mas tambem não era nem um visionario, nem um sceptico.

O seu methodo era escrupuloso e leal como a sua alma.

Detestava o trabalho facil e de fancia como vulgarmente se diz.

Parecia-se com aquelle juiz d'instrucção, que tendo de estudar a questão da democracia foi residir por algum tempo nos Estados Unidos.

A sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magras, confirmou esta nossa asserção.

Não era um plagiario, nem um escriptor leviano, mas um profundo e consciencioso observador; perferencia aquella geração de juriscultos, que rodeavam o Marquez de Pombal, pelo saber e não pelas sobrevivencias e sanguinarias decisões não era como Guizot o grande ministro de Luiz Philippe como o conde de Thomar, um intransigente, mas um respeitador sincero da opinião.

Como escriptor nos ultimos *Livros brancos* publicados escreveu sobre a nossa questão africana com notavel proficiencia.

As suas vistas não se estendiam sómente, sobre o continente negro, e é bem notorio, que os clamores e supplicas das christandades catholicas de

Bombaim, acharam sempre echo no seu coração. Elle comprehendia melhor do que ninguém, que o nosso prestigio no Oriente estava preso á questão do Padroado, não poupando esforços para com o Santo Padre para obter a reparação dos males, que affligiam os portuguezes catholicos no imperio britannico das indias orientaes.

Tal foi o vulto politico e scientifico que em breves traços tentámos delinear.

Pôde dizer-se que a velha fórmula de que só a morte faz os grandes talentos e as grandes virtudes teve n'elle a sua consagração solemne, porque o seu desaparecimento da scena do mundo na actual conjunctura não só augmentou o prestigio do seu nome, do seu saber, dando-lhe um lugar distincto na diplomacia europêa e especialmente na corte pontificia, foi geralmente sentido em Portugal, considerado como uma calamidade a ajuntar ás que actualmente nos affligem dentro e fóra do paiz, compensadas apenas pelos heroicos e inolvidaveis feitos dos nossos soldados.

Dr. A. M. de Tavora.



AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL

No dia 19 do corrente chegou a Lisboa a grata noticia de mais uma victoria alcançada pelas tropas portuguezas, na guerra contra o Gungunhama, o grande potentado da Africa Oriental, terror d'aquelles povos e cuja fama de invencivel era tradicional.

A victoria a que o telegramma se referia era das mais completas, porque os nossos soldados, sob o commando do coronel sr. Eduardo Augusto Rodrigues Galharido, commandante em chefe da expedição militar, haviam atacado Manjacaze, destruindo e queimando o Kraal, residencia do Gungunhama, o qual fugira, abandonando tudo, soffrendo completa derrota.

As circumstancias em que esta victoria se deu são tão extraordinarias, que nos fazem lembrar esses feitos heroicos de outras eras, em que os portuguezes conquistaram aos moiros, palmo a palmo, a terra em que vivemos; recorda Aljubarrota e tantas outras campanhas celebres que illustram as paginas da historia de Portugal, pelo que bem se pôde reconhecer que a raça d'aquelles heroes não se extinguiu ainda e antes revive na deza da integridade da patria e dos seus dominios por mais longiquos e inhospitos que elles sejam.

Não se trata de uma simples victoria contra uns pretos, como tantas que ordinariamente, por assim dizer, as nossas armas teem alcançado em Africa. Esta é mais assignalada pelas consequencias que d'ella resultam para a soberania portugueza n'aquella parte da Africa, por ventura a mais disputada por estrangeiros, e povoada por indigenas mais valentes, e temiveis, como são os vátuas, homens guerreiros por natureza, adestrados no manejo das armas e tendo por chefe o Gungunhama, o mais terrivel de todos os regulos d'aquelle paiz, de quem todos se temiam.

Registamos, pois, com orgulho, este feito d'armas, que impressionou toda a Europa, muito especialmente aquelles paizes que conhecem por experiencia propria quanto lhes tem custado a sustentar campanhas em terras d'Africa, e facemos um pouco de historia contemporanea, descrevendo em rapidas linhas, o paiz em que se deram os acontecimentos que vimos de referir, as causas que os determinaram, e os que n'elles tiveram a parte mais importante como dirigentes.

no proximo a Chiluanne, e o Buze, na bahia de Massanzane, no districto de Sofala e que o divide do de Quelimane. Outros pequenos rios ainda correm por entre as terras de Gaze, affluentes dos tres principaes. Estas terras são das mais ricas d'Africa em minas de ouro e outros metaes.

Os habitantes d'este paiz são os vátuas, raça das mais fortes da Africa, de grande estatura e dos mais adestrados na guerra, em que andam quasi sempre envolvidos com os diferentes regulos, e dispoendo de armamento moderno, além das azagaias ou Flechas, armas indigenas.

Uma das nossas gravuras mostra dois pretos vátuas do exercito do Gungunhama, com as suas azagaias e escudos de guerra.

O Gungunhama é filho do potentado Muzila que morreu ha cerca de 11 annos, e para succeder a seu pae no governo d'aquelles povos, mandou matar um seu irmão chamado Mafamana, o qual lhe queria disputar a posse do governo.

Em 1884 o Gungunhama, logo no principio do do seu governo, viu-se instado pela Inglaterra, que lhe offerencia o seu protectorado, e ameaçado pelos boers que pretendiam invadir-lhe os territorios.

Foi n'estas circumstancias que o Gungunhama renovou com Portugal o tratado de vassalagem feito com o fallecido Musilla, em 1861, sendo o novo tratado assignado em Lisboa no dia 19 de novembro de 1885, pelos representantes do Gungunhama, Matanda Encosse e Mapinda, expressamente enviados para esse fim.

Por este tratado de vassalagem podiam os portuguezes estabelecer-se nos dominios do Gungunhama, abrir relações entre aquelle potentado e a nossa provincia de Moçambique para o commercio, e todas as mais vantagens inherentes.

De como o Gungunhama cumpriu este tratado prova-o a guerra que foi preciso fazer-lhe e de que nos estamos occupando.

O tratado anglo-portuguez de 1801 que delimitou as fronteiras portuguezas da provincia de Moçambique, era preciso ser levado á execução e para isso foi nomeado o conselheiro sr. Antonio Ennes, ex ministro da marinha e ultramar, commissario regio, para o que partiu para aquella provincia em junho de 1801.

Encetados os difficeis trabalhos de delimitação de fronteiras, foram proseguindo como era possivel até que em fins do anno passado principiaram a surgir maiores difficuldades, sendo a causa principal d'essas difficuldades a rebeldia do Gungunhama, influenciado por algum poder occulto, para impedir o proseguimento dos trabalhos, chegando a ameaçar de invasão Lourenço Marques, o ponto mais cubiçado das nossas possessões da Africa Oriental.

Estes factos determinaram a expedição militar, que o governo portuguez mandou seguir para aquella provincia, em março d'este anno, afim de defender Lourenço Marques, tão fortemente ameaçado pelos pretos do interior, e assegurar o dominio portuguez.

Essa expedição, que seguiu em duas turmas, compunha-se de cerca de dois mil homens sob o commando do coronel sr. Galharido, commandante do regimento n.º 2.

Grandes foram os receios que houve pela sorte d'esta expedição, porque a muitos pareceu, e com razão, demasiado pequena para a lucta que teria de travar com as forças aguerridas do Gungunhama, que poderia dispor de 80.000 homens.

E assim era, mas felizmente a sorte foi mais uma vez favoravel ás armas portuguezas.

Aos combates de Marraquene, de Magal e de Chinavane Magude, em que tanto se distinguiu o valente official Paiva Couceiro, e que em todos ficaram victoriosas as nossas armas, seguiu-se o grande ataque de Manjacaze, cuja victoria é um assombro.

Commandou esta acção o coronel sr. Eduardo Augusto Rodrigues Galharido, atacando o Kraal do Gungunhama em 11 do corrente, destruindo tudo e fugindo o grande potentado, desprestigiado do seu poder extraordinario.

As forças que entraram n'este ataque não eram superiores a 700 homens, emquanto que os negros do Gungunhama, armados com espingardas modernas, eram em numero não inferior a 10.000, soffrendo elles perdas incalculaveis e as forças portuguezas perdas relativamente insignificantes.

O coronel sr. Galharido de que publicamos o retrato, como o de um heroe, não tem ainda cincoenta annos, é natural de Lisboa e irmão do general de brigada do mesmo apelido.

Foi alumno do Collegio Militar e promovido a alferes para o regimento de infantaria n.º 10, em 1865. Seguidamente serviu em engenharia e em artilheria para o que tinha as habilitações necessarias, passando depois novamente a infantaria, servindo no regimento n.º 11 e nomeado em 1881 commandante da companhia de correcção de S. Julião da Barra. Em 1886 promovido a major, sendo depois nomeado chefe de estado maior de inspecção de infantaria, commissão em que foi promovido a tenente coronel, em 1891 e a coronel, em 1894, passando a commandar o regimento de infantaria n.º 2.

Foi n'este posto nomeado commandante das forças militares expedicionarias e de como se houve no desempenho d'esta importante quanto difficil commissão dil-o o resultado da campanha que cobrio de gloria o exercito portuguez.

Se ao valor do valente coronel Galharido se deve a victoria das nossas armas, não se deve menos ao talento e zelo do sr. Antonio Ennes, Commissario Regio na provincia de Moçambique, a direcção superior, de todas as operações.

Eis porque tendo de consignar n'estas paginas os factos occorridos na guerra d'Africa, não podiamos deixar de publicar o seu retrato como justa homenagem aos seus talentos e serviços á patria.

E com a victoria das nossas armas ficará assegurada a integridade da patria portugueza e o dominio portuguez em Lourenço Marques, a joia mais valiosa da provincia de Moçambique e da Africa Oriental.

BENTO PEREIRA DO CARMO

Este illustre varão das primeiras epochas constitucionaes, foi d'esses homens cuja memoria convém conservar para guia e incentivo dos vindouros. Bento Pereira do Carmo é uma das provas mais evidentes de quanto o homem, nascido nas camadas menos abastadas da sociedade, pode attingir e adquirir pelo talento bem dirigido, pelo trabalho e pela rigidez de principios.

Pertencendo aquelle glorioso bando a cuja testa vemos o erudito Damião de Goes e o navegador famoso, Pero d'Alemquer, cabem-lhe, como a elles, as palavras patrioticas de Camões:

«Criou-me Portugal na verde e cara
«Patria minha, Alemquer.»

Seguindo o exemplo do grande chronista, elle tambem demonstrou o acrisolado amor pela sua terra que aquella região, tão prolifica em homens talentosos, tem incutido em todos os seus filhos, e até mesmo nos que apenas tem gozado a sua hospitalidade, e pizado o seu terreno vetusto e nobre.

Bento Pereira do Carmo nasceu na villa de Alemquer, em 29 de março de 1777, ou 1776, filho de Feliciano Pereira e de Maria da Conceição esta filha de Manuel da Costa e de Antonia Maria, e aquelle filho de João Pereira e de Anastacia da Encarnação, todos naturaes da mesma villa menos a ultima, que nasceu na freguezia de S. Quintino, do termo de Lisboa. A tradição local diz que o pae exercera a arte de moleiro, o que parece ser menos verdade, porque as testemunhas na sua habilitação para servir em logares de Letras, asseveram unanimemente, que tanto o pae como os avós paternos tinham vivido sempre do fructo das suas lavouras, sem nunca exercerem officio plebeu.

Tendo-se formado em leis no bimestre de 1800, o joven alemquerense habilitou-se para logares de Letras, no anno seguinte, e poz banca de advogado na sua terra natal. Em 15 de junho de 1806 obteve a nomeação de Juiz de Fóra da villa de Ançã, aonde casou com uma senhora abastada, mas bastante idosa, que lhe consagrou tamanho affecto que (segundo se diz), durante um tumulto popular, salvou-lhe a vida atirando com mãos cheias de dinheiro ao povo enfurecido.

Professando idéas liberaes, avançadas, mas prudentes, o seu talento e entusiasmo puzeram-o tanto em evidencia que no pronunciamiento de 15 de Setembro de 1820, elle foi indicado, com mais cinco patriotas, pelo Juiz do Povo, de Lisboa, para fazer parte do Governo Interino nomeado em consequencia d'esse movimento popular; e, mais tarde, foi eleito deputado ás Côrtes, pela provincia da Estremadura, logar que occupou até que a Reacção prevaleceu.

Partidario entusiastico do Infante D. Pedro, Bento Pereira do Carmo teve parte nas perseguições que todos os adherentes da Causa Constitucional soffreram. Já em 10 de julho de 1823 elle



CONSELHEIRO ANTONIO ENNES — COMMISSARIO REGIO NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE



CORONEL EDUARDO AUGUSTO RODRIGUES GALHARDO
COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO MILITAR

recebera da Intendencia Geral da Policia, ordem de se retirar da capital para o termo de Alemquer, como sendo pessoa «notoriamente suspeita, e perigosa á segurança do Estado».

Medidas represivas, mais energicas, fizeram com que elle fosse capturado e encerrado na Torre de S. Julião da Barra, na Prizão do Revelim, e foi durante este penoso periodo da sua vida que o seu companheiro de carcere, D. Felix Garrido, fez, em 2 de maio, de 1830, o retrato reproduzido na nossa gravura, unico d'elle que existe.

Tendo partilhado os revezes da causa, era justo que tivesse quinhão nos resultados de triumpho. Admittido á amizade particular do duque de Bragança, foi nomeado primeiro Presidente da Relação, sob o regimen constitucional, em 30 de julho de 1833.

Em 23 de abril de 1834 foi nomeado ministro do reino; e exonerado do cargo em 24 de setembro do mesmo anno.

Por este tempo teve o desgosto de perder a esposa, que lhe deixou quasi todos os seus bens; e, mais tarde, contrahiu segundas nupcias com uma senhora que lhe sobreviveu e de quem teve diversos filhos.

Retirando-se, então, da vida publica, recolheu-se ás suas valiosas propriedades na terra aonde tinha nascido, e lá acabou uma vida bella e util, em 16 de fevereiro de 1846.

Da firmeza e desinteresse do seu caracter deixou provas exuberantes nos seus discursos politicos; do seu amor á terra aonde viu a luz ficou a evidencia, nos mesmos discursos, e em alguns manuscritos de que possuímos copias em que descreveu com enthusiasmo e minuciosidade a historia e nobreza da villa de Alemquer. Diz se que D. Pedro IV confiou á penna d'elle a redacção do seu testamento que, como peça litteraria, é digna de todo o louvor.

Guilherme J. C. Henriques.

Uma página da historia contemporanea dedicada á cidade d'Angra do Heroismo

III

A historia da Revolução dos Açores desde 1820 até aos nossos dias, está ainda por fazer. Não faltam documentos que lancem sobre ella muita luz. Nos *Annaes da Terceira* vemos mencionados os principaes factos que tiveram logar no primeiro periodo do seculo que está a findar. As bibliothecas d'Angra e Ponta Delgada são porém escassas em livros, pamphletos, monographias, que poderiam esclarecer o assumpto.

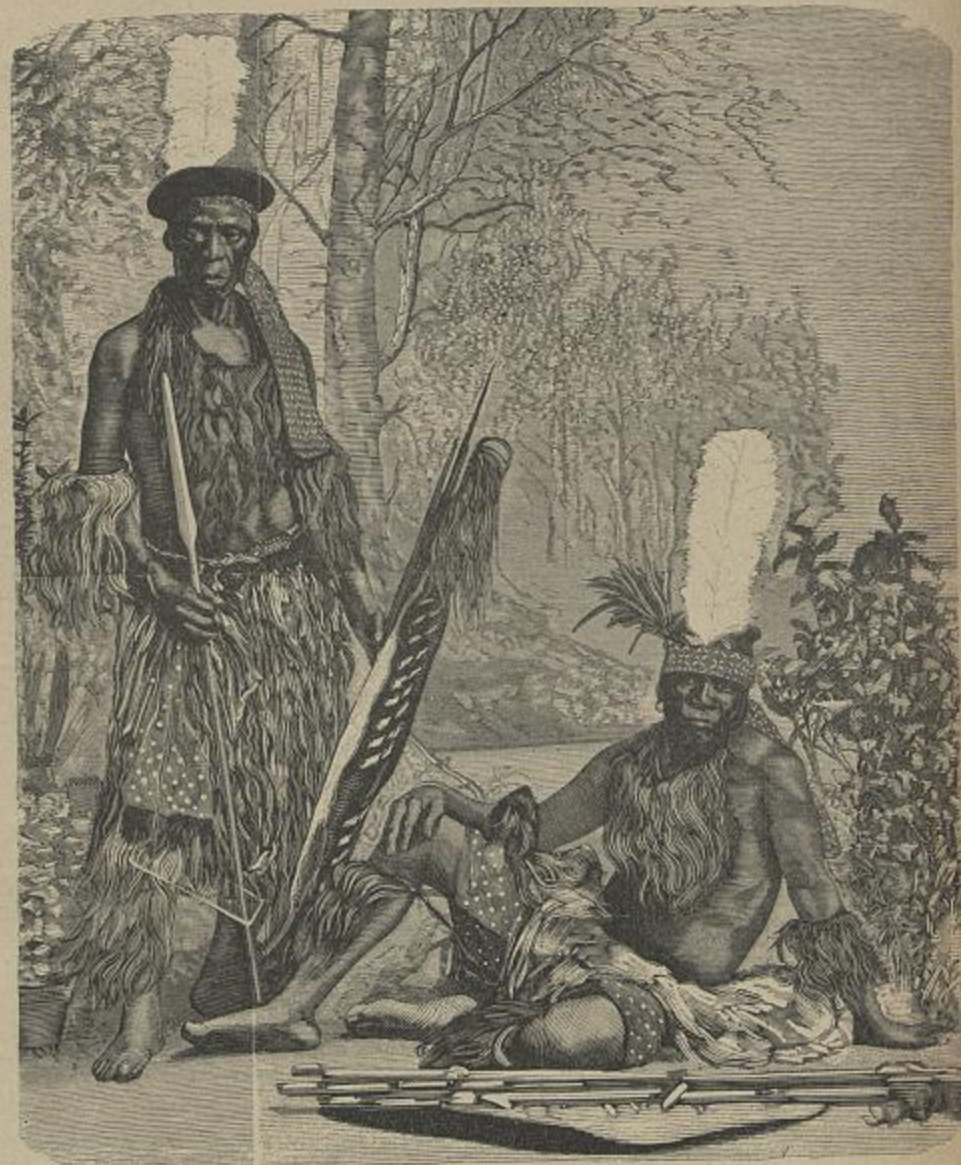
O historiador que quizesse fazer a synthese d'esses factos e procurar o testemunho dos actores, que representaram um papel importante no drama açoriano, encontraria n'esses actores, se elles existissem ainda, largos esclarecimentos. Mas in-

felizmente todos desapareceram da scena. Testemunhas ha porém d'esses factos que ainda vivem. Uma d'ellas existe na ilha de S. Miguel. É o opulento proprietario e insigne agricultor José do Canto. Escripitor de raça, profundo observador, munido de tudo quanto se tem escripto, não só do que foi publicado no *Archivo dos Açores*, magnifico reportorio em 12 volumes, dos principaes factos historicos desde que Gonçalo Velho Cabral descobriu a ilha de S. Miguel e Santa Maria, mostrou a Christovam Colombo o caminho da America, conserva no armazem da sua vasta memoria a recordação ainda viva de tudo quanto se passou sob seus olhos e fóra d'elles, durante a lucta travada nos Açores; elle só, talvez, d'entre os que assistiram a todos os actos d'esse drama, que foi para Portugal o que foi para a França a revolução de 1789, poderia representar o papel que representou Tácito, o grande historiador romano.

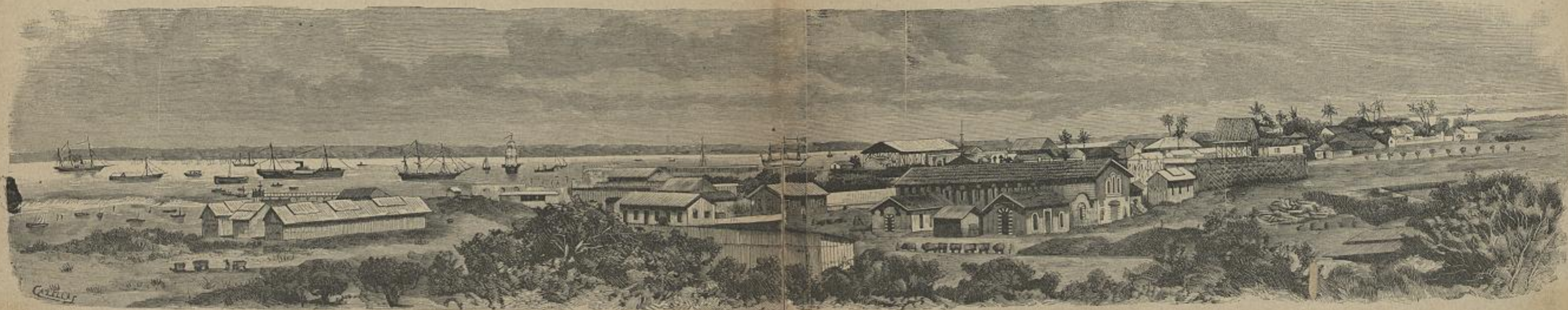
Homem de antes quebrar que torcer, modelo das virtudes conjugaes, patriota no mais elevado grau, isto é, no desinteresse, na fidelidade aos principios, na honra e probidade, poder-se-hia jurar nas suas palavras.

Infelizmente outra tem sido a sua orientação. O livro que elle tem escripto e que continua a escrever em paginas de ouro, é o da terra açoriana que o viu nascer, essa grande e generosa mãe cujos peitos fecundantes tem amamentado as gerações agricolas, e as presentes, que se alimentam com os fructos que ella produz, com as riquezas que ella distribue largamente, pelos que lhe dedicam o seu amor, os seus haveres, o seu estudo e o seu trabalho. Haja vista a industria do chá que elle criou na grande e importante ilha de S. Miguel.

Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, pouco ou nada disseram como historiadores, sobre esse periodo revolucionario de que agora nos occupamos. Se os nossos afizeses nol-o permitissem, tentariamos preencher, essa lacuna, antes que desaparecessem da scena essas poucas testemunhas que ainda restam. Limitamo-nos por enquanto, não a preencher a lacuna, mas simplesmente a apreciar a largos traços o movimento li-



PRETOS VÁTUA DO GUNGUNHAMA



LOURENÇO MARQUES
A GUERRA NA ÁFRICA ORIENTAL

beral, que terminou na Terceira com a victoria de 11 de agosto nas aguas da Villa da Praia, e depois na batalha da Ladeira Velha, na populosa ilha de S. Miguel.

Quando a esquadra miguelista assomou no horizonte, como já dissemos n'outro artigo d'este jornal, a sua appareição não assustou nem amedrontou os homens da revolução, dispostos a viver ou morrer combatendo. Não era porem um combate naval, esse que teve logar em 11 de agosto, em que estivessem empenhadas duas frotas, como impropriamente disse a illustrada folha da Terceira, *O Imparcial*, para isso era preciso que em frente da esquadra miguelista estivesse a esquadra liberal. E' certo, e não sofre a menor duvida, que o partido liberal não possuía um só navio de guerra, nem nas aguas da Terceira nem no continente; era simplesmente um desembarque, um bombardeamento para auxiliar esse desembarque. Efectuado o desembarque, ou a força miguelista vencedora na Praia se dirigia por terra sobre a cidade, e a esquadra ia alinhar-se na bahia d'Angra para bombardear a cidade sob o fogo da artilheria do Castello de S. João Baptista, ou aconteceria o que aconteceu ao almirante D. Pedro de Valdez (com sete nãos, mil soldados para desembarque, além da força da sua guarnição, e muitos fidalgos que com elle se embarcaram), nos campos da Saiga, em 1583, durante a invasão hespanhola, a perda da batalha dada em terra.

Triumphante, a expedição miguelista na Praia, devia presumir-se que a população da ilha se levantaria depois em massa para completar a victoria miguelista. Vencida porém, a causa miguelista poderia considerar-se perdida, na Terceira. Aonde seria o ponto escolhido pelo almirante Rosa para effectuar o desembarque na Praia?

Em frente dos fortes, senão competentemente armados, deviam de combatentes e de alguma artilheria, devia esperar-se a resistencia e a effusão de sangue.

Simular um desembarque em outros pontos da ilha, cançar os sitiados com successivas tentativas de desembarque para depois o effectuar em melhores condições, seria talvez o plano mais acertado.

Mas tentar um desembarque, por assim dizer, a peito descoberto como o que se tentou, achando-se na Villa da Praia, n'essa occasião, o grosso das forças liberaes, sem primeiro fazer calar a artilheria dos fortes pelo bombardeamento, era tentar o impossivel e sacrificar inutilmente a força expedicionaria. Foi o que se fez; tentou-se simultaneamente o desembarque e o bombardeamento chegando a artilheria da esquadra a incidir sobre os soldados miguelistas; foi este um erro fatal, de que pode ser accusado o almirante Rosa e o commandante da expedição, e que deu origem a dizer-se que se fizera de proposito, por estar vendido o almirante Rosa á causa liberal. Enorme calumnia que não perfilhamos.

Não nos parece que essa accusação seja fundada, porque nos repugna acreditar que na marinha portugueza, ennobrecida por tantos titulos, se desse, desde a fundação da monarchia até nossos dias, um unico caso de felonía ou traição.

E' facil fazer accusações, mas é difficil provar-as. Se o almirante Rosa tivesse operado o desembarque, e se por meio do bombardeamento bem succedido tivesse facilitado a victoria seria um heroe, mas por não ter conseguido fazer calar os fortes nem effectuar o desembarque, foi um traidor.

Ninguém ignora, e é ponto incontestavel que o governo provisório que sob a regencia do conde de Villa Flor dirigia os destinos d'esta ilha, enviara propostas, ao almirante Rosa para a entrega da esquadra mediante o preço ignobil de 40 contos. Essas propostas foram rejeitadas com indignação.

E se aconteceu a este bravo e brioso official o ter sido considerado sob tão odioso aspecto, a

historia ha de fazer-lhe justiça como a ha de fazer a outro bravo e brioso official. Augusto Castilho, ultimamente accusado de haver praticado nos ultimos tempos um acto de traição, quando é certo que o acto que elle praticou, recusando-se a entregar ao governo brasileiro 500 insurgentes abrigados sob a bandeira portugueza e que esse governo exigia talvez para os fuzilar, foi um acto que honrou a marinha portugueza e mereceu os justos applausos da Europa e do mundo inteiro, sendo alem disso incontestavel a sua neutralidade durante a lucta.

E' certo que com a chegada á Praia do conde de Villa Flor a batalha terminou triumphantemente para a causa liberal.

Dr. A. M. de Tavora.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

XI

NOTAS E APONTAMENTOS. — OS GUERRILHEIROS

Entre os frequentes e tão pavorosos espectaculos, inevitaveis durante a guerra, se acaso existe algum, excedente aos outros todos em horror e barbaridade, é, indubitavelmente, esse que, em qualquer cidade sitiada, nos apresentam os vexames e os incomportaveis soffrimentos que victimam seus habitantes — «sem distincção de sexo, e desde o berço até á muleta» — e que os direitos da guerra vem infligir a quantos, combatentes ou inermes, por desventura se acham encerrados no ambito das muralhas, no momento em que a praça é, finalmente, levada de investida.

Vendo que o assedio de Saragossa estava para demora, o marechal Soutt dirigiu as suas operações militares contra a cidade do Porto — cumprindo este admiravel cabo de guerra, com a actividade e a pericia que sempre o distinguiram, as ordens do grand' imperador.

A 19 de agosto chegava o marechal em frente de Orense. Tendo-se apoderado da ponte, e posto sufficiente guarnição á cidade de Tuy, deixou ali depositada a sua artilheria de maior calibre, e tudo quanto podesse atrazar-lhe os movimentos; e, levando consigo apenas 16 peças de campanha e 6 obuzes, marchou a toda a pressa para o Porto.

Não cabe n'esta breve noticia a enumeração circumstanciada dos muitos incidentes e das continuas sarrafuscas em que esses bandos de maltrapilhos, sedentos de sangue, de carnificina e e acaudilhados por padres ignorantes foram, de continuo, rechassados, e de como o exercito portuguez, posto que melhor organizado, soffreu quasi total anniquilação. Apenas direi que coisa alguma logrou pôr obstaculo á impulsiva e enérgica investida do general francez.

Apezar da feroz e encarniçada resistencia, que pretendia tolher-lhe a passagem do Ave, o marechal desbaratou por completo as forças inimigas; atravessou o rio, e, a 27, assentava posição em frente do Porto, com todo o effectivo do seu exercito.

No campo intrincheirado, de que dependia a defesa da cidade, vociferava a desordenada e feroz turba multa, mais attenta em trucidar todo e qualquer desventurado, sobre cuja cabeça recabissem suspeitas de maior ou menor fundamento, que em levar a effeito os preparativos indispensaveis a fim de tornar efficaz a resistencia.

Dominados pela mais estulta e presunçosa confiança, atribuiam invariavelmente os anteriores revezes a traições dos seus generaes; e só conseguia, afinal, desilludil-os a licção severa e tão fatal, que veio provar, mais uma vez, quão pouco vale o esforço desordenado da gente collecticia, sempre que esta tenta medir-se com tropas regulares.

A insolencia e os excessos perpetrados pelos francezes tinham produzido tremendas represalias; e comquanto os hespanhoes jámais tivessem conseguido egualar seus contrarios, frente a frente, em campo aberto, sem duvida alguma, se lhe avantajavam em traiçoeria e barbara crueldade. Os oppressores tiveram, a todo o momento, sobejas provas do character rancoroso e vingativo dos opprimidos, e o que se passou em seguida ao desastre que as hostes da França haviam soffrido recentemente em Bailen assáz manifestava o modo porque os hespanhoes estavam dispostos a tirar partido de toda e qualquer vantagem eventual, que a sorte das armas lhes proporcionasse.

Os povos do reino de Aragão oppozeram feroz e tenacissima resistencia aos francezes, e não so-

menos foi a que estes experimentaram ás mãos dos catalães,

Conseguiram tomar Mongat, mas viram-se obrigados a largal-a. Gerona, por elles duas vezes sitiada, mantivera se firme. O animo resolute dos catalães dava que fazer ao imperador; e este, resolvido a abater-lhes a prosapia e a subjugal-os, custasse o que custasse, mandou Gouvion-Saint-Cyr á testa de 20:000 homens afim de reduzir á obediencia a população insurrecta.

D'esta resolução de Bonaparte resultou uma das mais extraordinarias occorrencias de quantas se acha menção nos annaes militares, — reiro-me ao assedio de Gerona — successo que, com o andar dos seculos, ha de passar ao estado de lenda ou de romance. — «Tão extranhos, tão incriveis e tão fóra dos usuaes limites da verdade nos apparecem já hoje os factos que ali se deram.»

Ao sentimento national dos sitiados, á execração que votavam aos francezes vinha juntar-se o fanatismo religioso — pouco louvavel, de certo, em seu exaggero — mas cujas consequencias foram muito além da vulgar comprehensão de factos d'esta ordem.

A 8 de maio, os sitiados, sob o commando de Rielle e de Verdier, romperam o ataque, e comtudo, Lord Wellington só veio a ser informado da rendição da praça no dia 22 de dezembro do mesmo anno!

A constancia assombrosa mediante a qual, em todas as fortalezas sitiadas de que atraz deixo breve menção, seus briosos defensores souberam manter se inabalaveis, manifestam até que ponto o odio ao inimigo oppressor incute no animo de um povo opprimido valor para supportar as maiores miserias — virtude esta que foi, pelos hespanhões, levada até á inverosimilhança.

E' curiosa a afinidade que resulta da comparação de alguns notaveis acontecimentos historicos de outras eras, com outros succedidos em nossos dias. — vejamos, por exemplo, o investimento e captura de Jerusalem, tal qual se lê na narração do historiador Josephus. Em Saragossa, como em Gerona, as peripecias do assedio nos apresentam, em seus principaes tramites, pormenores de notoria similitude com os que tornaram tão celebre a rendição da capital dos hebreus: a mesma indole nos capitães, o mesmo fanatismo; os mesmos horrores e identicos resultados finaes estabelecem entre estes dois factos uma tal paridade historica — que a unica circumstancia que os differença é terem o arado e a charrua passado por cima do terreno onde existira outr'ora Jerusalem, em quanto que Gerona e Saragossa ficaram de pe.

O povo hespanhol não deveu unicamente á sua estoica indifferença perante essas calamidades terribes que, em qualquer cidade sitiada, coincidem sempre com o assedio ou com o assalto, o ter-se, até certo ponto, remido d'essa degradação profunda em que o precipitára a sua tão geral quanto inveterada ignorancia.

Por vezes, n'um da Jo en-ejo, como que o electrificava a scintilla fulminante d'essa altivez e d'esses brios que caracterisavam outr'ora a sua indole.

Seria baldado trabalho, não ha duvida, procurar exemplos de taes rasgos entre as classes elevadas. O sacerdote, porém, o monge, o pobre camponez — os que, apartados do mundo, viviam entregues, na solidão do claustro, a mysticas contemplanções — esses que, quasi solitarios tambem, passavam seus dias monotonos, agarrados á rabiça do arado... abandonavam, os primeiros, a clausura, e corriam apressados ao campo da batalha; os segundos, a todo o momento, a enxada e a foice para lançarem mão da espada ou da escopeta.

Com taes elementos se constituiu esse corpo formidavel, que ficou celebre pelo arrojo, mas tambem pela crueldade implacavel, e que tanto temor e tamanha execração logrou inspirar ao inimigo invasor.

Deu origem a tão poderosa colligação, um punhado de contrabandistas e de homens de má nota e peor viver que se bandearam para assaltar e roubar o proximo. Foram, pouco a pouco, augmentando em numero, alargando a sua escala de acção, e os guerrilhas vieram afinal a desempenhar um papel preponderante, nas peripecias da lucta, na Peninsula; e diga-se em abono da verdade, que na qualidade de aliados nos foram de muito maior utilidade, que as melhores tropas regulares do paiz.

Assim como as guerras da revolução franceza vinham abrir campo vasto ás manifestações do talento militar, e a produzir esses inimitaveis soldados cujas victorias tamanha reputação marcial grangearam á França — dando-lhe, n'essa época, lugar sem par nos annaes das demais nações —

(*) Foi na propriedade da Saiga, da capella de André Gomes e de Maria de Moraes, administrada então por Luiz Valentim casado com D. Beatriz de Tavora, e hoje de meu sobrinho Luiz Meyrelles de Tavora, que se deu a celebre batalha da Saiga.

Ainda existe a ermida que depois foi construida, para commemorar a victoria, e a casa da residencia que foi do abastado lavrador Bartholomeu Lourenço, casado com Brianda Pereira de Tavora, de incontestavel formosura, segundo affirmam as chronicas d'aquelle tempo.

Não podemos resistir ao desejo de deixar aqui consignado o nome d'esta heroica terceirense, a respeito da qual poderíamos applicar os versos de Camões:

«Cesse tudo quanto a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta».

sentindo não poder relatar n'esta nota fugitiva os insignes feitos por ella praticados n'aquella memoravel epocha.

assim, á medida que iam sendo aniquiladas as forças regulares he panholas, surgia rapidamente e tomava incremento, dia a dia, outro poder mais eficaz e formidavel; e mais de um nome que teria aliás permanecido na obscuridade, ou cahido em olvido, veio a ficar celebre, já pela coragem, já pela crueldade — quando não por uma e outra coisa.

(Continúa.)

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do numero antecedente)

XXIII

CAUSAS GERAES DA ACTUAL ESCASSEZ DE MANUSCRIPTOS

Não será falta de interesse innumerar muitas das razões porque os manuscritos em geral e os illuminados em especial, nos tem apparecido bastante damnificados, e bem assim quaes das muitas hypothèses que se aventam (1) para explicar a falta de muitos d'elles que se presumia deverem existir.

Assim, era corrente nos conventos o lavarem com *umagre* e galha os manuscritos, procurando avivar-lhes as letras.

Ha uma tradição de que as monjas do Mosteiro de Tuyas, tendo de deixar a sua antiga habitação, desafogaram a violencia que lhe fizeram, incendiando o cartorio.

A sabida de manuscritos dos diversos archivos, sem que se procurasse acautelal a sua restituição. Temos que exceptuar d'esta hypothese os previdentes Benedictinos que por acta capitular, não permittiam que manuscripto algum saísse dos seus cartorios, ainda que fosse para interesse do proprio mosteiro, sem que a pessoa que o tirasse ou recebesse deixasse o nome e fizesse um deposito de qualquer moeda de ouro como penhor.

O estarem archivados em logares humidos, enxameados de insectos, as guerras, os terramotos, tudo são condições que tem concorrido para a escassez de manuscritos de valor. Os archivos das nossas fronteiras, quasi todos, foram e tem sido saqueados. Uma enorme alluvião destruiu em 1411 o cartorio de Santa Cruz de Coimbra. (2)

Ainda se podem dar como razões da falta de pergaminhos valiosos as de que, estando alguns d'elles fora dos archivos tem apparecido nos alfabetistas de todas as epochas. Em diversos leilões até tem entrado os foraes originaes de certas villas. E quantos tem ido opulentar os museus estranhos e as colleções dos amadores!

(Continúa.)

Esteves Pereira,

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

VIII

(Continuado do n.º 608)

Corramos o panno sobre a tragedia. Jazem ambos — o algoz e a victima. Os outros assassinos, villões subalternos, desapareceram na sombra dos carcerees, nos bancos das galés, nos presidios da Africa.

Voltemos atraz. O que foi feito de D. João de Castro? Denunciado, presos os seus creados, fuge á justiça, e anda homisiado, com o conde, dentro e fora do reino. Apresentou-se depois, justificou-se, provou a sua innocencia? Ou protegeu-o a influencia dos parentes, o alto valimento do conde de S. João, seu cunhado, e do conde de Sarzedas, seu sogro? Fr. Alexandre da Paixão não nos diz uma unica palavra, que derrame a menor luz sobre o caso. Parece-nos, pois, que não figurou D. João n'este famoso processo, porque, se lá entrasse, não o deixaria no escuro o annalista que tão frequentemente nos conta os seus feitos, e tão bem informado se mostra dos acontecimentos cortezaes do seu tempo.

Estas velhas historias são como os quadros antigos. Apparecem-nos estes, obscuros, infumados, cobertos pela *palina* do tempo, mas quando a mão diligente e os olhos attentos do artista restaurador, vão, a pouco e pouco, levantando as camadas que o pó dos seculos depositou sobre a pintura, á nossa vista surpresa surgem outras figuras e ac-

cessorios, até alli invisiveis, e é quasi uma nova composição o que nós finalmente contemplamos!

As sombras em que, no principio d'este estudo, se encobria o vulto e as feições do aventureiro fidalgo, adelgaçam-se, rompem-se aqui e acolá, e de quando em quando uma frecha de luz, batendo-lhe em cheio, mostra-o de corpo inteiro, em toda a sua pujança e desenvoltura. Fallam nos d'elle outros escriptores, seus contemporaneos. Aqui o temos no *Portugal Restaurado* do conde da Ericeira.

Cavalleiro e toureador, figurou D. João de Castro nos *toiros reaes* que se correram, quando, em 1662, festejaram em Lisboa, com pomposos divertimentos e alardos, o ajuste de casamento da infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II, de Inglaterra. Eram tres os cavalleiros, D. João, o conde da Torre e o de Sarzedas. Tourearão todos — diz o da Ericeira — com grande destreza e luzimento. Quatro annos depois novo casamento real — o de Mademoiselle Maria Francisca de Saboya com D. Affonso VI — e novas e mais esplendidas festas na corte de Lisboa, — cannas, toiros, fogos de artificio, dragões combatentes, chammejantes e furiosos, e outras invenções da pyrotechnia nacional. Nas invenções e aparato de taes divertimentos lembrava ainda a antiga nobreza o esplendor das passadas eras.

Atravez das paginas d'estas memorias chega até nós o tumultuar da vida d'então, o rodar dos coches, o tropear dos corceis, os applausos, o vozear confuso das multidões, agitando-se e redemoinhando nas ruas e nas praças. Se nos debruçamos da varanda para ver um elegante cavalleiro, que vae na Rua Nova caracolando e fazendo piaffés com o seu alazão, apparece-nos, lá ao longe, um numeroso cortejo caminhando para nós. D'outro lado surge-nos uma praça — o Terreiro do Paço — vistosamente decorada, onde a flor da cavallaria, trajada de sedas, deslumbrante d'ouro e prata, mostra nas voltas e nas corridas, no investir e no furtar-se, todos os primores da arte equestre, com que se encantam os olhos e se conquistam os corações. Além, para o lado da Sé, vão procissões, longas, interminaveis, variegadas no colorido e no brilho — os habitos monasticos, singelos e pittorescos, e as grandes dalmaticas todas ouro, e as mitras dos grandes sacerdotes, cravejadas de pedraria, cegando os olhos com esses fulgores do sol oriental... Agora abre-se a vista sobre o rio, coalhado de naus de alto bordo, de barcos, de bergantins, coleando rapidos por entre ellas, todos flammulas e bandeiras e galhardetes, com toques de trombetas e tambores, e ribombos de artilheria, na terra e no mar...

Não escrevemos a historia d'esse casamento real, mas está-nos aqui fazendo negaças uma pagina do conde da Ericeira — não pelo primor litterario, mas pelo interesse do episodio — de tal forma que não lhe resistimos. É a descripção do primeiro encontro, a bordo, da Princeza de França e do rei D. Affonso Eil a:

«Chegou o bergantim de El Rei á capitania, em que a Rainha vinha embarcada, que estava e os mais navios da armada franceza com toldos vistosos e ornados de flammulas e galhardetes de diferentes cores. Abateu a capitania á bandeira, disparou toda a artilheria, e o mesmo fizeram os navios da sua conserva. Desceu o Marquez de Sande a beijar a mão a El-Rei e ao Infante. Seguiu-se o bispo de Lans a significar a honra que a sua casa recebia naquella função, e ambos receberam El-Rei com benevolencia, e logo subiu ao navio e o Infante por uma escada larga; e no primeiro degrau d'ella estava o Marquez de Rouvigny, general da armada, a quem El Rei agradeceu (sendo interprete o Marquez de Sande) a fineza que havia executado, assim em se ajustar o casamento, como naquella jornada.

«A infantaria franceza estava formada no convez, e, em ala, a companhia do conde de Maret do portaló até a porta da camara, em que estava a Rainha, onde El-Rei e o Infante entraram; e na primeira vista mostraram os Reis, no sobresalto que manifestaram nos semblantes, os funestos infortunios d'aquellas apparencias de matrimonio, e não foi poderoso todo o luzimento d'aquelle dia a divertir a magoa, que padeceram os cortezaes, de verem entregue aos desconcertos da vida de El-Rei uma das mais excellentes Princezas da Europa na virtude, na prudencia, no agrado, na discripção e na formosura. A porta da camara veio a receber a El-Rei, que lhe fallou poucas e estudadas palavras, explicadas pelo Marquez de Sande, e tambem as razões, que ella discretamente lhe respondeu.»

Eis o que diz um fidalgo cortezeio sobre a primeira entrevista dos reaes noivos. É triste. D. Affonso não sabia francez, e o conde da Ericeira não se esquece de accentuar, em dois logares da sua narrativa, essa circumstancia.

As scenas que em terra precederam aquella visita a bordo, foram vergonhosissimas, e tudo isto condiz com o que se passou depois, quando a Rainha deu entrada no Palacio.

«El-Rei — continúa o auctor do *Portugal Restaurado* — depois de despender poucas palavras, deixou a Rainha no seu quarto, e passou a outro, em que o esperavam os seus continuos assistentes, e com elles desafogou a oppressão e ancia, que havia padecido o tempo que durou a função d'aquelle dia, e, chegadas as horas em que devia voltar para o quarto da Rainha, não houve diligencia, nem persuasão alguma, que o obrigasse tomando varios pretextos de indisposições, que acabaram de destruir todas as esperanças, mal fundadas, que a sua familia domestica podia ter, da sua successão, que de todo não estava introduzida na desconfiança universal, pelas repetidas acções com que El-Rei as dissimulava.»

O conde da Ericeira era do partido do infante D. Pedro, mas os acontecimentos posteriores, os actos do rei, confirmaram os tristes prognosticos que todos n'esse dia fizeram de tão mal estreitado consorcio.

Foram estrondosas as festas esponsalicias, e proprias para satisfazerem os mais exigentes em materia de ostentação e de fausto realengo.

Começaram pelo jogo das cannas, e damos-lhe tambem aqui a preferencia por menos conhecido e pouco vulgar em espectaculos modernos. Realisou-se, como os outros, no Terreiro do Paço, que estava ricamente decorado, com palanques e varandas custosamente armadas. Nas janellas do Paço assistiam o Rei, a Rainha, e o Infante, as damas, as donas de honor, e os creados do Paço, na esquerda, e nas janellas da direita viam-se os officiaes da Casa Real e os ministros estrangeiros. Nos palanques brilhava o mais luzido da corte, e na praça muitas danças, vestidas de varias sedas, e uma grande multidão. Apenas El Rei appareceu na janella começou-se a regar a praça, e em seguida entrou n'ella D. Francisco de Sousa, capitão da guarda allemã, que, com as cerimoniaes costumadas, a desembaraçou do povo.

Apresentaram-se então o conde de Miranda, Governador das armas e da Relação do Porto, e o visconde de Villa Nova, Estribeiro-Mór de El-Rei, e Presidente da Junta do Commercio, e ambos Conselheiros d'Estado, que tinham sido nomeados padrinhos; os quaes, depois de pedirem licença, saíram, e voltaram á praça, seguidos cada um de quatro quadrilhas.

Os quadrilheiros, todos da mais alta nobreza, eram oito: o Marquez de Gouveia, Mordomo maior de El-Rei e do Conselho d'Estado, a quem saiu, nas sortes das cores, que se tiraram na Secretaria d'Estado, de pardo e ouro; o conde de Castello Melhor — o valido — do Conselho d'Estado, e Escrivão da Puriidade, azul e ouro; o Marquez de Marialva — o das Linhas d'Elvas e de Montes Claros — do Conselho d'Estado, Veador da Fazenda, Capitão general do Alemtejo, Governador das armas de Lisboa e da Extremadura, nogueirado e prata; o conde de Aveiras, Gentil-Homem da Camara do Infante, e Regedor das justiças, branco e ouro; o conde da Torre, Gentil-Homem da Camara do Infante, do Conselho de guerra, Mestre de Campo General da Corte e da Extremadura, acamurçado e prata; o conde de Sabugal, Meirinho mór do Reino e do Conselho de guerra, encarnado e prata; o conde de Villa Flor, do Conselho de guerra, alaranjado e prata. A ultima quadrilla, a oitava, era commandada pelo conde de S. João, Gentil-homem da Camara do Infante, do Conselho de guerra, Governador das armas de Traz-os-Montes, Mestre de Campo General de Entre Douro e Minho, e vestia verde e ouro. Todos estes chefes nomearam para as suas quadrilhas cinco fidalgos, do seu mesmo sangue e appellido.

Eram, portanto, ao todo, quarenta e oito cavalleiros, que desfilarão na praça em vinte e quatro parellas. Nenhum podia apresentar mais de dois lacaos — aos chefes eram-lhe permittidos vinte e quatro. Devia pois ser brilhante o cortejo. As marlotas, os jaezes, e as librés eram riquissimas.

Principiou o jogo por uma escaramuça de um só fio. Dadas poucas voltas, dividiram-se em dois, e travaram-se varias vezes, e depois d'este vistoso exercicio, saíram da Praça, correndo cada parella da janella de El Rei até á porta. Mudados os cavallos, compozeram-se de novo as quadrilhas, e

(1) Seguites J. Pedro Ribeiro.

(2) Vide — *Chronica dos Conegos Regulares* Livro IX, cap. 24, pag. 246, n.º 7 e seguintes, em que se pode ler o documento escripto por D. Nicolau de Santa Maria.

entraram como da primeira vez, occupando os quatro angulos do Terreiro e os dois lados. Passaram a carregar cada uma a que lhe ficava fronteira, alternando-se com tanta ordem e destreza, que de todos foi esta festa applaudida, quando, porfim, separando os padrinhos a contenda, a deram por terminada.

A's corridas das cannas seguiram-se as dos toros, e aqui temos D. João de Castro como cavalleiro, no segundo dia. No primeiro fôra o conde da Torre. O ultimo coube ao conde de S. João e ao seu irmão, Francisco de Tavora.

Bem mereciam o nome de reaes estas toiradas — tanto era o apparato, o deslumbrante luxo, com que se apresentavam os fidalgos! O conde da Torre entrou na praça com doze creados, com os fatos guarnecidos de alamares de ouro, a martello! O cortejo dos dois Tavoras compunha-se de trezentos homens, vestidos de diversas telas e chamalotes, guarnecidos de p'ssamanes de prata e ouro! D. João de Castro vinha acompanhado de cento e sessenta, com trajos de varias nações, todos de seda, tambem com passamanes de ouro e prata!

Devia ser um mestre, eminente na arte, quem era assim escolhido para figura principal em festas de tanto esplendor, e quando não faltavam decerto outros, que ambicionassem aquella distincção. Os seus parceiros n'este torneio, D. João de Mascarenhas, conde da Torre, e Luiz Alvares de Tavora, o celebre conde de S. João da Pesqueira, além de illustres na guerra, gozavam já de grande influencia e foram depois os validos de D. Pedro.

Grandes festas, mas ruim casamento. Tudo para os olhos, nada para o coração!... Era isto o que devia pensar a nova Rainha, poucos dias depois de ter pisado a terra portugueza. Mas o povo divertiu-se, e a nobreza teve mais uma occasião de ostentar as suas galas, e mostrar á illustre princeza que, para cá dos Pyreneus, n'este canto afastado da Península, mantinham-se ainda as cavalleirosas e lendarias tradições d'aquelles fidalgos, que, n'outras eras, em França e em Inglaterra, tinham deixado inscripto o seu nome nas paginas mais brilhantes do Livro d'ouro dos torneios e passos d'armas.

Pelo fausto da apresentação vemos concluir que era opulenta a casa de D. João de Castro. A despeito do captivo dos sessenta annos, e das guerras da Restauração, ainda ostentavamos os restos da passada grandeza. Ainda nos vinham naus da India e da America...

O que isto foi! Santo Deus! Quando a gente dá os primeiros passos na vida antiga, e entra no grandioso theatro da nossa historia, sente-se como um deslumbramento, e, apesar de não descremos da humanidade, o desejo de voltar costas ao presente... O que ha ahí que valha, para a alma, para a imaginação, o espectáculo d'esses seculos de luctas, de guerra, de batalhas homericas, de conquistas, de riqueza e de gloria?!

(Continúa)

Zacharias d'Aça.



Recebemos e agradecemos:

Poema da Juventude, por José Maria Ançã. Coimbra—Imprensa academica—1895. Por amabilissima offerta do seu auctor, o illustrado vice-reitor do seminario de Beja, conego José Maria Ançã, temos presente um notavel livro de versos com o titulo acima.

Começando por agradecer tão gentil offerta, pedimos venia ao inspirado poeta para só cumprir

em parte a sua penhorante dedicatória. Dizemos, em parte, porquanto o sr. Ançã modestamente se diz conscio da benevolencia da nossa critica. Não temos de que ser benevolentes; apresentamos sempre n'este lugar a nossa impressão fugindo á lisonja. Essa independencia tem grangeado no espirito dos nossos leitores uma certa auctoridade e gravidade para cujo desmentido nunca concorreremos.

Muitos dos nossos mais notaveis auctores reconhecem a critica, critica sã e sincera que sempre aqui fizemos, embora em estylo desataviado mas verdadeiro quanto ao nosso sentir.

É assim que tendo lido o volume *Poema da Juventude*, iamos a escrever a nossa impressão quando relemos as breves palavras em que se crystallou a encantadora modestia do poeta e que são para nós uma dedicatória muitissimo honrosa. Começou então para nós uma difficuldade, era a de que as linhas que tentassemos escrever tivessem para o seu auctor e muito especialmente para os nossos leitores toda a sinceridade e que se não

Por onde escolher para citarmos? Difficil, de véras.

Vencidos e degredados, que anathema tão eloquente, quanta verdade n'aquelles versos que lhe inspira a infamia:

*É certo: a imprensa actual, para viver insulta!
E diz que adora a luz, o bem, a liberdade!...*

*Quizera retalhar, como lategos febris
De mil objurgações, frementes, incendiarias,
A sanha das facções — das facções partidarias,
Fonte de tanto damno... ah! quizeram... Mas não!
É necessario pôr morducha ao coração;
De refrear preciso a voz da consciencia,
Para não desprender queixumes d'imprudencia,
Justissimos embora...*

E o poeta que assim vibra vigorosamente n'um impulso da sua consciencia revoltada a injustiça a que o civismo errado pode arrastar tambem murmura docemente a sua prece:

*A mim ninguém me protege
Bella florinha!
Nem tenho mãe que me beije
Que sorte a minha!*

*Quem me dêra ser florinha
Da côr da aurora!
Vivia, no ermo, sosinha?
Embora! embora!*

E na natureza encontra o poeta tanto, tanto de mimoso como n'aquella sua poesia *N'uma fonte* se pôde vêr.

Como obra humana que é, alguns senões lhe poderão encontrar os criticos atilados. Nós simplesmente dizemos ao terminar estas linhas que algumas composições de menor valor litterario poderia o seu auctor ter expungido com certa vantagem para a homogeneidade do seu livro, mas que todavia em muito pouco affectam o conjuncto geral.

Le Monde Moderne, revue mensuelle illustrée. A. Quantin, editor, Paris.

Do numero de outubro o sumario é o seguinte: *Legende de Mistral*, por P. Barbier; *Notes atheniennes*, por Pierre de Coubertin; *Un ancêtre des anarchistes*; *Gracchus Babeuf*, por Paul Robiquet; *Les vins du Médoc*, Gaston Armelin; *Les surprises de la route—Une ville morte*, por Edmond Neukomm; *Histoire des salons de Paris—Le Salon de M^{me} Ancelot*, por Hippolyte Buffenoir; *Chartres*, por René Merlet; *Renoncement*, por Charles Grandmougin; *Les cavernes de Sanct-Canzian*, por E. A. Martel; *Le Cyclisme militaire*, pelo capitão Daurit; *Les Fleurons de la Couronne de Belgique—La grand'place de Bruxelles*, por Edgar Montel; *La Question monetaire*, por G. Pinet; *Un musée en plein air*, por Bertha Straub; *Blanchissage moderne du linge*, por Ch. Desbrochers des Loges; *Rejane*, por Mario Bertaux; *Le Mouvement littéraire*, por Léo Claretie; *La Mode du mois*; *Jeux et récréations*, por G. Beudin; *Tendresse fatale*; *Les petites inventions*.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Sabe a publico no dia 5 do proximo mez este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

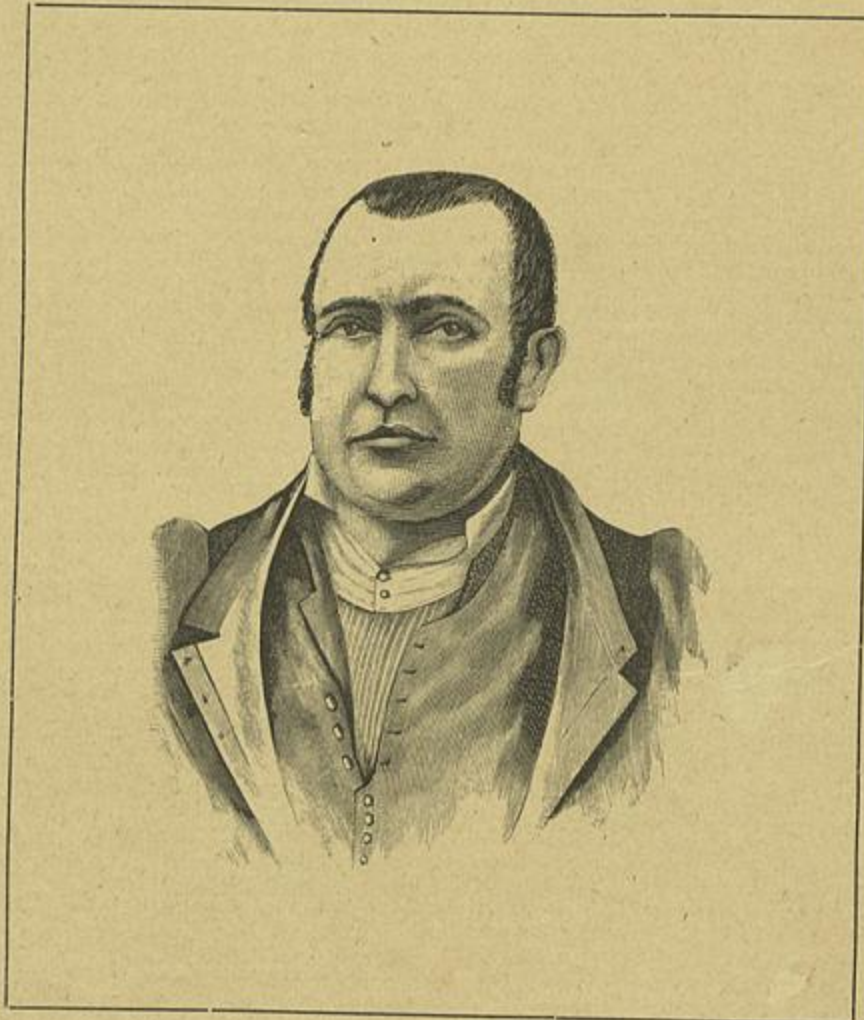
Recebem-se desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 35



BENTO PEREIRA DO CARMO

(Segundo um desenho de D. Felix Garrido feito na Torre de S. Julião da Barra em 1830)

podesse entrevêr n'ellas o menor indicio de lisonja.

Desconhecemos pessoalmente o sr. conego José Maria Ançã, e por isso tanto maior desinteresse ha na nossa apreciação que embora em poucas linhas dirá quanto sobermos Lido, umas vezes com interesse e outras com commoção profunda, o *Poema da Juventude* delectou-nos sempre. Os seus versos de variados generos poeticos mostram como ao auctor é facil, como lhe defluem ora serenamente inspirados deliciosos versinhos de encantadora simplicidade, ora impetuosas estrophes de encendrado amor patrio.

Entre as composições que ornam este florilegio não é facil distinguir em excellencia. Em todas ellas vibra a verdadeira inspiração sem atavios maiores que as proprias galas da lingua: meiga como a voz materna, adorada, fremente, audaz como a de um heroe.

Que mil pensamentos se encontram nas suas composições! alguns tão subidos, outros tão verdadeiros, tão dolorosos que a forma metrica, cadenciada e rythmica, lhes ajunta um novo encanto que leva docemente á commoção.